



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Populações, Gerações e Ciclos de Vida

REDES SOCIAIS E ENVELHECIMENTO

FERREIRA, Pedro

Doutor em Sociologia. Áreas de especialidade: envelhecimento, curso de vida e género. Instituto do Envelhecimento

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

pmferreira@ics.ul.pt

MARQUES, Tatiana

Mestranda em Bioética. Áreas de especialidade: envelhecimento, sociologia da saúde e da bioética, profissão médica, dilemas éticos e morais, morte medicamente assistida.

Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

tatiana.santos.marques@gmail.com

Resumo

As redes sociais são as relações de confiança e afinidade que se estabelecem com outras pessoas. Essas redes têm um contributo decisivo para o bem-estar dos idosos, na medida em que exercem um papel relevante na actividade social dos mesmos. Explorando os aspectos positivos das redes, afirma-se que as suas funções de sociabilidade e de apoio recíproco/unilateral não só ajudam a combater o isolamento social dos idosos, como também contribuem para a promoção de um envelhecimento activo e saudável por via da intensificação da vida social. Como corolário, levanta-se a hipótese de as redes sociais exercerem um impacto diferenciador nos processos de envelhecimento; estando tal sustentação alicerçada num inquérito de 2011 sobre os Processos de Envelhecimento em Portugal: Usos do Tempo, Redes Sociais e Condições de Vida. Nesta comunicação propõe-se, assim, explorar os resultados dessa investigação com especial destaque para dois planos de análise, a saber: (a) Um primeiro plano que identifica as condições favoráveis ao desenvolvimento de redes sociais e que caracteriza a tipologia dessas redes. De que dependem as redes sociais? Como se originam? Que condições as facilitam? Responder a estas questões implica reconhecer que as mudanças verificadas nas redes sociais ao longo da idade são configuradas por múltiplos factores, entre os quais se destacam: as condicionantes estruturais (género e classe social), devido ao seu efeito diferenciador na diversificação, extensão e intensidade das redes sociais; e os factores individuais (estado de saúde). (b) Um segundo plano que explora a influência das redes interpessoais nos apoios sociais providos e recebidos durante o envelhecimento, atendendo particularmente aos processos de transição biográfica e profissional como sejam a viuvez e a passagem para a reforma. Questiona-se também possibilidade de o afrouxamento dos laços sociais e de a falta de suportes relacionais (resultante de redes precárias) estarem associados à baixa intensidade da vida social; impulsionando sentimentos de solidão que são agravados pelos efeitos negativos das situações de isolamento. A este propósito, importa ainda reflectir sobre as motivações individuais (busca de sociabilidade, apoio recíproco, influência, altruísmo) que subjazem às relações interpessoais estabelecidas pelas pessoas em idade avançada. Em suma, esta comunicação pretende evidenciar o contributo das redes sociais para a integração e participação dos idosos na sociedade. Ao colocarem a terceira idade no espaço público, essas redes contribuem também para o envelhecimento activo, saudável e bem sucedido.

Abstract

Social networks are relationships of trust and affinity established with other people. These networks have a crucial contribution to the welfare of the elderly, due to the important role they play in their social activity. Exploring the positive aspects of the networks, it is stated that its functions of sociality and mutual support not only help combat social isolation of older people, but also contribute to the promotion of active and healthy ageing through the intensification of social life. As a corollary, this raises the hypothesis that social networks play a differentiating impact on aging processes; hypothesis which will be tested using the data from a survey of 2011 on the 'Aging Processes in Portugal: Uses of Time, Social Networks and Living Conditions'. In this communication it is proposed, therefore, to exploit the results of this research with particular emphasis on two levels of analysis, namely: (a) A first level that identifies the favorable conditions for the development of social networks and that characterizes the typology of these networks. What do social networks depend on? How do the social networks originate? What conditions facilitate these networks? Answering these questions involves recognizing that changes in social networks along the old are configured by multiple factors, among which stand out the following: the structural constraints (gender and social class), due to its effect on diversification, extent and differentiator intensity of social networks; and the individual factors (health status). (b) A second level that explores the influence of interpersonal networks in social support provided and received during aging, considering particularly the biographical and professional transition processes, such as widowhood and the retirement. It also questioned the possibility of the loosening of social ties and the lack of relational supports (resulting from precarious networks) are associated with lower intensity of social life; which promotes feelings of loneliness that worsens with the negative effects of situations of isolation. In this respect it should also reflect on the individual motivations (search of sociability, mutual support, influence, altruism) that underlie interpersonal relations established by people in old age. In summary, this communication seeks to put in evidence the contribution of social networks for the integration and participation of older persons in society. By placing the elderly in public spaces, these networks also contribute to active, healthy and successful aging.

Palavras-chave: envelhecimento, redes interpessoais, apoios sociais, Portugal

Keywords: aging, interpersonal networks, social supports, Portugal

I. Introdução

Por redes sociais entende-se o conjunto de contactos interpessoais que permitem, sobretudo em fases avançadas da vida, que os indivíduos preservem a sua identidade social, recebam e provisionem apoio emocional, instrumental e de aconselhamento, e ainda estabeleçam novos contactos sociais (Walker, MacBride & Vachon, 1977). Na medida em que favorecem a obtenção de vários tipos de apoios social (Antonucci & Akiyama, 1995), as redes sociais têm uma grande importância para o bem-estar e para a qualidade de vida das pessoas mais velhas (Theurer & Wister, 2010; Chappell & Funk, 2011). Aliás, a influência benéfica das redes sociais no envelhecimento saudável e bem-sucedido é reconhecida pelas próprias pessoas em idade avançada, nomeadamente quando afirmam que “ter família e amigos com quem possam contar” é um factor essencial para “envelhecer bem” (Fernández-Ballesteros et al. 2010).

Mais se afirma que as redes sociais em que as pessoas mais velhas estão inseridas também assumem um papel relevante na gestão dos sentimentos de solidão e na atenuação dos efeitos negativos (isolamento) inerentes às principais transições (reforma e viuvez) biográficas e profissionais (Li, 2007) que ocorrem no último terço da vida. Pelos seus aspectos positivos, as redes sociais constituem, assim, um importante mecanismo de protecção (Lyberaki & Tinios, 2005; Wall et al., 2001).

II. Redes sociais

Com base nos resultados de um inquérito sobre os Processos de Envelhecimento em Portugal: Usos do Tempo, Redes Sociais e Condições de Vida (IE-UL, 2012) é questionado o impacto diferenciador das redes sociais nos processos de envelhecimento. Neste primeiro plano de análise, pretende-se explorar as condições favoráveis ao desenvolvimento dessas redes e caracterizar o perfil sociográfico das situações relacionais e de isolamento dos inquiridos (com 50 e mais anos).

Neste estudo, as redes sociais são operacionalmente definidas a partir das relações de confiança que se estabelecem com as pessoas com quem se conversa sobre assuntos importantes e problemas quotidianos. As principais características através das quais as redes sociais foram analisadas, definem-se pela: *dimensão* (tamanho das redes); *composição* (peso dos membros familiares e não-familiares nas redes); *frequência de contacto* (entre os inquiridos e membros das redes); e *densidade* (contactos entre os membros das redes). A partir da *dimensão* e da *composição* foi construída uma *tipologia das redes sociais*, com base na qual será explorada a influência dessas redes nos apoios sociais.

A esmagadora maioria da população inquirida estabeleceu contactos interpessoais de confiança. Embora cerca de 92% dos inquiridos afirme ter alguém com quem conversar sobre assuntos importantes, o peso dos indivíduos sem relacionamentos interpessoais ainda é expressivo (8%).

O perfil dos inquiridos sem redes interpessoais caracteriza-se pelos seguintes elementos sociográficos: sexo feminino, idade mais avançada, baixa escolaridade, viuvez e vida a sós, condição de reformado, inactividade profissional com mais de 75 anos, rendimentos familiares baixos, auto-posicionamento na classe média e, ainda, pelos lugares de residência mais pequenos. Ao contrário do que seria porventura expectável, a ausência de relações interpessoais nem sempre é vivenciada de uma forma problemática (com mais de metade dos inquiridos a referir que estão satisfeitos ou muito satisfeitos com o facto de não terem falado com ninguém sobre os assuntos importantes), dando a entender que a situação de isolamento não constitui necessariamente uma experiência negativa.

No que respeita às principais tendências das situações relacionais experienciadas pela maioria dos inquiridos, destaca-se o predomínio de redes pequenas (até duas pessoas) e familiares (compostas, sobretudo, pelo cônjuge e por filhos). A dimensão e a composição explicam a elevada presença dessas redes na vida dos inquiridos, a qual se traduz numa intensa frequência de contactos, numa grande proximidade emocional e numa alta densidade, esta última reveladora de um enorme conhecimento dos elementos da rede entre si. Estas características fazem com as relações entre os membros sejam fortes e intensas, mas simultaneamente fechadas e pouco abertas ao exterior, ou seja, a outras redes e à sociedade em geral.

A estrutura das redes interpessoais é, sobretudo, afectada por três indicadores sociodemográficos: a escolaridade, o estado civil e a condição perante o trabalho; corroborando, assim, a influência destes indicadores nas redes interpessoais que também foi encontrada noutros estudos (Tilburg, 1998; Grundy & Holt, 2001; Utzet al., 2002; Ajrouch, Blandon & Antonucci, 2005; Cornwell, Laumann & Schumm, 2008). Além destes indicadores, o sexo e a dimensão do lugar residencial afectam a composição das redes, enquanto a classe social subjectiva interfere na sua dimensão.

Em síntese, o perfil social de cada um dos quatro elementos estruturais das redes interpessoais apresenta as seguintes características:

- *Dimensão*: as *redes pequenas* estão associadas aos baixos níveis de escolaridade e ao auto-posicionamento nas classes sociais mais baixas, enquanto as *redes extensas* se associam aos níveis elevados de escolaridade e ao auto-posicionamento nas classes sociais mais altas;
- *Composição*: as *redes predominantemente familiares* apresentam um perfil definido pela conjugalidade, o habitat de pequena dimensão, a baixa escolaridade e o sexo masculino; por contraste com as *redes predominantemente não-familiares*, cujo perfil destaca as situações de divórcio e vida a sós, o habitat de elevada densidade, a escolaridade elevada e o sexo feminino;
- *Frequência de contacto* entre os inquiridos e os membros da rede: os contactos intensos são definidos pelos parâmetros da conjugalidade e da baixa escolaridade, enquanto o da *frequência pouco intensa* destaca o divórcio, a vida a sós e a escolaridade alta;
- *Densidade*: as *redes mais densas/fechadas* associam-se a níveis de escolaridade mais baixos, à conjugalidade, às domésticas e aos inactivos; enquanto as *redes pouco densas/abertas* se associam aos níveis de escolaridade mais elevados, aos solteiros, à vida a sós e aos activos.

2.1. Tipologia das redes sociais

A *tipologia das redes sociais* reforça a ideia de que as redes sociais da maioria dos inquiridos são de dimensão diminuta e formadas por laços de parentesco. O facto de quase metade dos inquiridos (47%) ter redes pequenas e predominantemente familiares não impede que mais de um quarto dos inquiridos (29%) também registe um predomínio das relações familiares família nas suas redes de grande dimensão, devido ao enorme peso das redes predominantemente familiares (76%) relativamente às redes predominantemente não-familiares (24%).

A tipologia das redes interpessoais foi analisada detalhadamente a partir dos seguintes elementos adicionais entre o inquirido e os membros da rede: (i) a distância entre residências ; (ii) a idade ; (iii) os anos de conhecimento ; e (iv) o grau de satisfação .

Sobre o primeiro elemento, destaca-se o facto de os membros das redes predominantemente familiares viverem mais perto dos inquiridos do que os membros das redes predominantemente não-familiares. A maior proximidade física dos membros das redes familiares explica-se por uma predominância de cônjuges e filhos que residem no mesmo alojamento ou em lugares próximos dos inquiridos; contrariamente a vizinhos e amigos que, estando mais representados nas redes não-familiares, residem na vizinhança ou em lugares distantes. Em geral, os membros das redes vivem muito perto dos inquiridos, o que não deixará também de favorecer uma proximidade emocional .

Sobre o segundo elemento, importa frisar que a idade dos membros (em média, 51 anos) varia de forma estatisticamente significativa em função do tipo de rede. A tendência geral aponta para que as redes predominantemente familiares sejam mais jovens que as redes predominantemente não-familiares; sendo esse rejuvenescimento mais evidente nas redes familiares de grande dimensão (cuja idade média dos membros é 45 anos), por oposição ao maior envelhecimento das redes não-familiares mais pequenas (cuja idade média dos membros atinge 57 anos). O fenómeno de maior juvenilização das redes familiares de grande dimensão é explicado pela existência de relações inter-geracionais e pela presença de elementos familiares mais novos (filhos e netos), enquanto o das redes familiares mais pequenas se explica pelo predomínio da vida em casal relativamente à viuvez, que reflecte a maior juvenilização destas redes. Por

contraste, as redes não-familiares são similarmente afectadas pelo fenómeno do envelhecimento (e pela viuvez). e pelo fechamento intra-geracional, pois os inquiridos conversam sobre os assuntos importantes com não-familiares da mesma idade (amigos e vizinhos) Sobre o terceiro elemento, refira-se que, em média, o inquirido conhece há mais de 20 anos os membros da rede, sendo o interconhecimento reforçado nas redes predominantemente familiares. A antiguidade das relações familiares opõe-se ao conhecimento mais recente das relações com os membros não-familiares. Por isso as redes mais antigas são as redes predominantemente familiares, especialmente as pequenas atendendo a que são constituídas na maior parte dos casos apenas pelo cônjuge ou, além dele, por um filho.. Por contraste, o facto de as redes predominantemente não-familiares (especialmente, as grandes) serem recentes explica-se pela maior incorporação de membros (amigos e vizinhos) que os inquiridos conhecem há menos tempo.

Sobre o quarto e último elemento, destaca-se a elevada satisfação com os membros das redes interpessoais, embora haja diferenças significativas no grau de satisfação segundo o tipo de rede. A principal tendência indica que as redes predominantemente familiares proporcionam mais satisfação do que as redes predominantemente não-familiares; reforçando a importância atribuída à família por parte dos inquiridos. Em sentido contrário, a menor satisfação reportada pelos inquiridos com redes predominantemente não-familiares extensas sugere que a presença de amigos e vizinhos não tem um impacto tão favorável quanto a família na avaliação globalmente positiva que os inquiridos fazem dos membros das redes sociais.

III. Relações de apoio social

Num segundo plano de análise pretende-se explorar a influência das redes interpessoais nos vários apoios sociais providos e recebidos pelos respondentes do inquérito sobre os Processos de Envelhecimento em Portugal (IE-UL, 2012). , O apoio social é entendido como a ajuda e a assistência providas e recebidas por pessoas de confiança (Novak & Campbell, 2006, McDowell, 2006). Os três tipos de apoio (emocional, instrumental e de aconselhamento) ou a sua inexistência foram analisados, segundo a tipologia de redes.

Atendendo aos seus aspectos benéficos, levanta-se a hipótese de as redes interpessoais favorecerem a obtenção de apoio social e constituírem um factor de protecção contra as situações isolamento que tornam vulneráveis, sobretudo, as pessoas de mais idade. Numa lógica contrária, depreende-se que os indivíduos sem redes interpessoais terão menos relações de suporte social. Também é expectável que as relações de apoio social não sejam exclusivamente unidireccionais nem estejam dotadas de um carácter estritamente funcional visando colmatar estados de dependência; constituindo, ao invés disso, verdadeiras relações bilaterais de solidariedade entre o inquirido e os membros da sua rede interpessoal. Assim entendidas, as relações de apoio social consideram-se essenciais para um envelhecimento bem-sucedido (Antonucci, Sherman & Akiyama, 1996; Paúl, 2005).

3.1. Relações de apoio emocional

Nesta dimensão particular foram analisadas as relações de apoio emocional estabelecidas tanto em momentos negativos de tristeza ou de solidão como em momentos positivos de alegria ou de felicidade.

Sobre as relações de apoio emocional por motivos negativos, destaca-se que a grande maioria dos inquiridos (88%) pode contar com alguém em momentos de tristeza ou solidão.

A análise do apoio emocional em função das redes interpessoais permite frisar que a existência de redes interpessoais favorece a recepção de apoio emocional em momentos de tristeza ou de solidão. O facto de as redes interpessoais promoverem mais apoio emocional evidencia-se comparando os inquiridos com e sem redes interpessoais: enquanto cerca de 90% dos inquiridos com redes interpessoais declararam poder contar com alguém quando sentem necessidade de apoio emocional, essa percentagem cai para 69% dos inquiridos sem redes.

Considerando só os inquiridos com redes interpessoais, nota-se que as redes de grande dimensão contribuem de forma mais decisiva para o apoio emocional em momentos negativos. Acresce que os inquiridos com redes extensas e predominantemente familiares (93%) estão mais representados na recepção desse apoio emocional, em oposição ao menor peso dos inquiridos com redes pequenas e predominantemente não-

familiares (85%).. A dimensão e a presença familiar das redes interpessoais favorecem assim a recepção do apoio emocional quando os inquiridos se sentem tristes ou sozinhos.

Os inquiridos que afirmaram poder contar com alguém em momentos negativos e que têm redes interpessoais recorrem sobretudo aos filhos (38%) e cônjuges (34%), verificando-se o mesmo com os inquiridos sem redes interpessoais que encontram também na família a principal fonte de apoio emocional. Porém, o apoio dos filhos e dos cônjuges assume maior importância nas redes predominantemente familiares de pequena (41% e 37%, respectivamente) e grande (41% e 36%, respectivamente) dimensão. Além destes elementos familiares, os amigos são igualmente uma importante fonte de apoio emocional, sobretudo nas redes predominantemente não-familiares extensas (28%), como , aliás, comprovam outros estudos (Colletta, 1979; Albrecht, 1980; Gerstel, Riessman & Rosenfeld, 1985; Rands, 1988; Hurlbert & Acock, 1990).

Sobre a frequência com que os inquiridos sentem necessidade de ter apoio emocional, verifica-se que esta necessidade está associada à existência de redes interpessoais. Com efeito, os inquiridos sem redes interpessoais foram aqueles que receberam menos apoio emocional quando se sentiram tristes ou sozinhos. A maior recepção de apoio emocional coube aos inquiridos com redes predominantemente não-familiares pequenas ou com redes extensas, sugerindo que os amigos e outros elementos familiares (sobretudo, filhos e irmãos) têm um papel importante na atenuação de sentimentos negativos. Contudo, sublinha-se o facto de o universo inquirido ter declarado que raramente sente necessidade de apoio emocional.

Inversamente ao apoio recebido, procurou saber-se a frequência com que os inquiridos apoiam emocionalmente os outros. Contrariando a ideia de que as relações de suporte social são unidireccionais, os inquiridos proporcionaram mais apoio emocional do que aquele que receberam dos membros das suas redes interpessoais. Acresce que a tipologia das redes introduz diferenças estatisticamente significativas na frequência com que os inquiridos proporcionam apoio emocional por motivos negativos. A provisão de apoio aumenta à medida que as redes interpessoais se tornam mais extensas e predominantemente não-familiares, sugerindo que o alargamento das redes e a maior presença de pessoas não-familiares (sobretudo, amigos) favorecem a concessão de apoio emocional. Torna-se, assim, evidente que a provisão de apoio emocional beneficia da existência de redes interpessoais: enquanto os inquiridos com redes interpessoais tendem a apoiar algumas vezes outras pessoas em momentos negativos, os inquiridos sem redes fazem-no apenas raramente.

Passando a analisar o apoio emocional por motivos positivos, verifica-se que a esmagadora maioria dos inquiridos (92%) tem pessoas que lhes proporcionam alegria e felicidade. Acresce que a recepção deste tipo de apoio é muito influenciada pela existência de redes interpessoais. Enquanto 93% dos inquiridos com redes interpessoais afirmam ter pessoas que lhes proporcionam alegria ou felicidade, apenas 83% dos inquiridos sem redes interpessoais respondem afirmativamente. Isto significa que as redes interpessoais favorecem também a recepção de apoio emocional em momentos positivos, tal como anteriormente se constatou em relação aos momentos negativos.

Outro aspecto relevante refere-se ao facto de o tipo de rede estar relacionada com a obtenção de apoio emocional por motivos positivos. A tendência geral aponta para que as redes interpessoais mais extensas e com uma maior presença de membros familiares (sobretudo, filhos e netos) proporcionarem mais momentos de alegria e felicidade .

Considerando apenas os inquiridos que receberam apoio emocional por motivos positivos, nota-se que a existência ou não de redes interpessoais não interfere no tipo de relação estabelecida com as pessoas que lhes proporcionaram felicidade ou alegria. Tanto os inquiridos sem e com redes interpessoais referem que as suas principais fontes de apoio emocional são os filhos (42% e 38%, respectivamente) e os netos (23%). A seguir a estes dois elementos familiares, o cônjuge surge como a terceira fonte de apoio emocional por motivos positivos. Embora os amigos sejam os elementos não-familiares mais importantes na provisão de apoio emocional, salienta-se que o seu peso relativo não ultrapassa os 6%. Daqui se conclui que os momentos de alegria e de felicidade são mais frequentemente compartilhados com elementos familiares.

3.2. Relações de apoio instrumental

As relações de apoio instrumental referem-se às ajudas na realização das tarefas domésticas (limpezas, reparações ou compras) que os inquiridos receberam por parte de pessoas não-coabitantes.

A grande maioria dos inquiridos (85%) não recebeu ajuda na realização das tarefas domésticas por parte de pessoas que não vivem no agregado.

Importa salientar que as redes interpessoais não exercem nenhuma influência na recepção de apoio instrumental, ao contrário do sucedido no apoio emocional. Isto porque apenas 14% dos inquiridos sem redes e 15% dos inquiridos com redes afirmaram ter recebido ajuda exterior na realização das tarefas domésticas. Embora a existência de redes interpessoais não se traduza globalmente num incremento de ajuda nas tarefas domésticas, parece que alguns tipos de redes influenciem mais do que outras o apoio instrumental. A tendência geral aponta para que o alargamento das redes e a composição predominantemente não-familiar se associem à obtenção de mais apoio instrumental. Com efeito, enquanto só 16% dos inquiridos com redes pequenas e predominantemente não-familiares receberam apoio instrumental de não-coabitantes, essa percentagem sobe para 17% dos inquiridos com redes extensas e predominantemente familiares, atingindo 18% dos inquiridos que possuem redes extensas e predominantemente não-familiares.

Considerando o tipo de relação estabelecida com a(s) pessoa(s) que proporcionou ajuda na realização das tarefas domésticas, verifica-se que não se altera com a ausência ou presença de redes interpessoais. Os filhos são a principal fonte de apoio instrumental, embora assumam maior importância para os inquiridos sem redes interpessoais (58%) do que para os inquiridos com redes interpessoais (34%). A seguir aos filhos, os amigos surgem como a segunda fonte de obtenção de ajuda na realização das tarefas domésticas, assumindo, no entanto, uma importância redobrada para os inquiridos que beneficiam das relações de confiança (19%), em relação aos que não as têm (8%).

Para aprofundar as relações de interajuda, complementou-se a análise da recepção de apoio instrumental com a sua provisão. Entre os inquiridos com redes interpessoais, nota-se que a percentagem dos que proporcionaram apoio instrumental (25%) é muito superior à dos que o receberam (15%). Por contraste, entre os inquiridos sem redes interpessoais, regista-se uma maior presença na recepção (14%) que na provisão (10%) de ajuda nas tarefas domésticas. Daqui se conclui que a ausência de redes interpessoais está mais associada à recepção de apoio instrumental, enquanto a existência de redes se associa sobretudo à provisão desse tipo de apoio.

Acresce que a tipologia das redes interpessoais interfere na ajuda que os inquiridos dão a outras pessoas com as quais não coabitam. A principal tendência aponta para que a presença de membros familiares e o alargamento das redes interpessoais favoreçam a prestação de apoio instrumental. Os inquiridos com redes predominantemente familiares extensas (31%) são os únicos que estão sobre-representados na provisão de apoio instrumental; por contraste com os inquiridos com redes pequenas e predominantemente não-familiares são os que menos proporcionam apoio instrumental (20%).

Sobre o tipo de relação estabelecida com as pessoas que foram ajudadas, verifica-se que, no caso de serem familiares, o apoio é proporcionado quer o inquirido tenha ou não redes interpessoais, mas, no caso de elementos não-familiares, o apoio tende apenas a ser proporcionado por parte dos inquiridos com redes interpessoais. Daí se observe que os inquiridos sem redes interpessoais tendam a proporcionar apoio instrumental apenas aos filhos (56%) e pais (22%), enquanto os inquiridos com redes interpessoais apoiam, além destes (22% no caso dos filhos e 15% no caso dos pais), também outros elementos não-familiares: os vizinhos (18%) e amigos (16%).

3.3. Relações de apoio de aconselhamento

As relações de aconselhamento reportam-se, como o nome indica, aos conselhos que os inquiridos deram e receberam aquando da tomada de decisões importantes.

A grande maioria dos inquiridos afirmou ter recebido este tipo de apoio (80%), o que não invalida o peso relativo ainda significativo dos que não se aconselharam (20%).

Outro aspecto relevante é o papel das redes interpessoais no aconselhamento. Enquanto só 53% dos inquiridos sem redes interpessoais recorreram ao aconselhamento, no caso dos inquiridos com redes interpessoais, essa percentagem sobe consideravelmente para 83%. Daqui se depreende que a presença de redes interpessoais favorece o de apoio de aconselhamento, pois sua ausência tende a restringir bastante o pedido de conselhos.

Acresce que a tipologia das redes interpessoais introduz diferenças estatisticamente significativas no aconselhamento. A tendência geral indica que a composição predominantemente familiar se associa a uma maior obtenção deste tipo de apoio. Isto, porque a grande maioria dos inquiridos com redes predominantemente familiares de pequena (86%) e grande (87%) dimensão afirmam aconselhar-se quando têm de assumir decisões importantes. Em sentido contrário, nota-se que uma maior presença de membros não-familiares nas redes interpessoais se traduz num nível de aconselhamento mais baixo, pelo que só os inquiridos com redes predominantemente não-familiares pequenas (26%) e mais extensas (29%) aparecem sobre-representados. Sobre o tipo de relação estabelecida entre os inquiridos e as pessoas com quem se aconselharam, importa frisar que se tratam de relações familiares íntimas. Isto significa que o cônjuge e os filhos constituem as principais fontes de aconselhamento para os inquiridos com e sem redes interpessoais (respectivamente, por um lado, 43% e 37% e, por outro, 31% e 33%). Daqui se conclui que os inquiridos que estabeleceram relações de apoio de aconselhamento consultam, sobretudo, os elementos do seu núcleo familiar mais restrito antes de tomarem decisões importantes. Esse facto ajuda a perceber o peso residual dos amigos no conjunto das pessoas com quem os inquiridos se aconselham, o qual não ultrapassa 6% quer haja ou não redes interpessoais.

Considerando apenas os inquiridos com redes interpessoais a tipologia revela a importância da composição familiar no apoio de aconselhamento. Consta-se assim que o cônjuge e os filhos são protagonistas quase exclusivos nas redes predominantemente familiares pequenas (48% e 39%, respectivamente) e extensas (45% e 40%, respectivamente). Embora estes elementos familiares sejam também as principais fontes de aconselhamento nas redes predominantemente não-familiares de pequena e grande dimensão, importa evidenciar o papel importante que os amigos desempenham nestes dois tipos de redes (22% e 15%, respectivamente).

É também importante referir que ter aconselhamento é mais frequente entre os inquiridos com redes interpessoais do que entre os que não as têm. O facto de os inquiridos sem redes *raramente* se aconselharem revela a situação de maior isolamento dos que não têm relações de confiança. Por contraste, os inquiridos com redes já se aconselham *algumas vezes* com outras pessoas para tomar decisões importantes. Acresce que a maior frequência na obtenção de conselhos se associa à maior presença de membros familiares e ao alargamento das redes.

Numa lógica inversa ao aconselhamento recebido, procurou igualmente conhecer-se a frequência com que esse apoio foi dado. Verificou-se, em primeiro lugar, que a ausência de redes interpessoais diminui a capacidade de dar conselhos; em contrapartida, a sua presença aumenta a regularidade com que o aconselhamento é proporcionado no âmbito de decisões importantes. Em segundo lugar, a tipologia das redes introduz diferenças significativas na frequência com que os inquiridos proporcionam aconselhamento. Proporcionar este apoio torna-se mais frequente com o alargamento das redes interpessoais, porque os inquiridos com redes extensas predominantemente familiares ou não-familiares tendem a aconselhar *algumas vezes*, enquanto os inquiridos com redes pequenas predominantemente familiares e não-familiares declararam fazê-lo apenas *raramente*.

IV. Conclusão

Em geral, o conjunto de dados analisados é revelador do impacto diferenciador das redes sociais nos processos de envelhecimento dos portugueses. Afim de caracterizá-las, importa frisar que se trata, sobretudo, de redes pequenas (duas pessoas, em média), predominantemente familiares (cônjuge e filhos), muito intensas e fechadas sobre si mesmas. A partir da tipologia das redes sociais, mostrou-se ainda que as redes pequenas e predominantemente familiares são marcadas pela proximidade física entre os seus membros, por oposição às redes pequenas e predominantemente não-familiares que se apresentam mais envelhecidas e

compostas por membros fisicamente mais distantes. No que respeita às de maior dimensão, as redes predominantemente familiares revelam uma idade média baixa e relações de conhecimento de longa duração, por oposição às redes predominantemente não-familiares (amigos e vizinhos) que, sendo mais recentes, são avaliadas menos positivamente.

As condicionantes estruturais através das quais se diferenciam as redes sociais são a escolaridade, o estado civil e a condição perante o trabalho. Além destas condicionantes, o género, a dimensão do lugar de residência e a classe social subjectiva também introduzem diferenças estatisticamente significativas na estrutura das redes sociais dos seniores portugueses.

Em termos específicos, os dados analisados permitem, ainda, concluir que as redes interpessoais exercem uma influência positiva nos apoios sociais providos e recebidos durante os processos de envelhecimento dos portugueses. A análise revelou que os inquiridos deram mais apoio emocional do que receberam, tendo, contudo, provisionado mais apoio instrumental e de aconselhamento. Quanto aos diferentes tipos de apoio, concluiu-se que a maioria dos inquiridos recebeu apoio emocional e apoio de aconselhamento, embora o mesmo não tenha sucedido com o apoio instrumental (ao qual a maioria dos inquiridos já não teve acesso). Acresce que, novamente com excepção do apoio instrumental (não afectado pela ausência de relações de confiança), a tipologia das redes interpessoais afecta de forma estatisticamente significativa as relações de apoio emocional e de apoio de aconselhamento. A principal tendência aponta para que as redes de maior dimensão e de composição predominantemente familiar contribuam de forma mais decisiva para o estabelecimento das relações de apoio. As principais fontes de apoio emocional são os filhos e os netos, surgindo estes últimos mais frequente associados aos momentos de alegria e de felicidade. Note-se que o carácter predominantemente familiar das redes interpessoais tende a favorecer não só a obtenção de apoio emocional, mas também a recepção de apoio de aconselhamento, sobretudo por parte do cônjuge e dos filhos. Por sua vez, o alargamento da rede interpessoal tende a favorecer o apoio instrumental, embora a composição introduza a seguinte distinção: enquanto a maior presença de membros não-familiares beneficia a recepção de apoio instrumental, a maior presença de membros familiares nas redes mais extensas beneficia a provisão de ajuda nas tarefas domésticas. Os filhos constituem a principal fonte de apoio instrumental; sendo que, além deles, os amigos predominam na provisão de apoio instrumental, enquanto os pais predominam na recepção.

Em síntese, sublinhe-se que as relações de parentesco (cônjuge e filhos) são as principais fontes de apoio social durante o processo de envelhecimento dos inquiridos, o qual é complementado por outras relações interpessoais de confiança, designadamente as que são estabelecidas com amigos e vizinhos. Com base na evidência da reciprocidade não necessariamente idêntica dos apoios, pode afirmar-se que as redes sociais constituem uma base na qual pode e deve assentar um envelhecimento bem-sucedido dos seniores portugueses (Kohli, Hank & Kunemund, 2009).

V. Referências bibliográficas

Ajrouch, Kristine; et al. (2005). Social Networks Among Men and Women: The Effects of Age and Socioeconomic Status, *Journal of Gerontology*, 60B (6), S311-S317.

Albrecht, Stan (1980). Reactions and Adjustments to Divorce: Differences in the Experiences of Males and Females, *Family Relations*, 29 (1), 59–68.

Antonucci, Toni; Akiyama, Hiroko (1995). Convoys of social relations: Family and friendships within a life span context. In Rosemary Blieszner & Victoria Bedford, (Eds.), *Handbook of aging and the family* (pp. 355-372). Connecticut: Greenwood Press.

Antonucci, Toni; Sherman, Aurora; Akiyama, Hiroko (1996). Social networks, support and integration. In J. Birren (Ed.), *Encyclopedia of Gerontology* (pp. 408-416). Nova Iorque: Academic Press.

Chappell, Neena; Funk, Laura (2011). Social Support, Caregiving, and Aging, *Canadian Journal on Aging*, 30(3), 355-370.

- Colletta, Nancy (1979). Support systems after divorce: incidence and impact, *Journal of Marriage and the Family*, 41 (4), 837–846.
- Cornwell, Benjamin; Laumann, Edward; Schumm, L. Philip (2008). The Social Connectedness of Older Adults: A National Profile”, *American Sociological Review*, 73 (2), 185-203.
- Fernández-Ballesteros, Rocío; et al. (2010). The concept of ‘ageing well’ in ten Latin American and European countries, *Ageing & Society*, 30, 41-56.
- Gerstel, Naomi; Riessman, Catherine; Rosenfeld, Sarah (1985). Explaining the symptomatology of separated and divorced women and men: The role of material conditions and social networks, *Social Forces*, 64, 84–101.
- Grundy, Emily; Holt, Gemma (2001). The socioeconomic status of older adults: How should we measure it in studies of health inequalities?, *Journal of Epidemiology and Community Health*, 55, 895–904.
- Hurlbert, Jeanne; Acock, Alan (1990). The effects of marital status on the form and composition of social networks, *Social Science Quarterly*, 71, 163–74.
- Kohli, Martin; Hank, Karsten; Künemund, Harald (2009). The social connectedness of older Europeans: patterns, dynamics and contexts, *Journal of European Social Policy*, 19, 327-340.
- Li, Yunging (2007). Recovering from Spousal Bereavement in Later Life: Does Volunteer Participation Play a Role?, *Journals of Gerontology – Social Sciences*, 62B, S257–S66.
- Lyberaki, Antigone; Tinios, Platon (2005). Poverty and Social Exclusion: a New Approach to an Old Issue. In Axel Börsch-Supan et al. (Coord.), *Health, Ageing and Retirement in Europe – First Results from the Survey of Health, Ageing and Retirement in Europe* (pp. 302–309). Mannheim: MEA.
- McDowell, Ian (2006). *Measuring Health: A guide to rating scales and questionnaires* (3ª edição), Nova Iorque: Oxford University Press.
- Novak, Mark; Campbell, Lori (2006). *Aging and society: A Canadian Perspective* (5ª edição). Toronto: Nelson.
- Paúl, Constança (2005). Envelhecimento Activo e Redes de Suporte Social, *Revista da Faculdade de Letras UP Sociologia*, 15, 275-287.
- Rands, Marylyn (1988). Changes in social networks following marital separation and divorce. In Robert Milardo (Ed.), *Families and Social Networks* (pp. 127-146). California: Sage Publications.
- Theurer, Kristine & Wister, Andrew (2010). Altruistic behaviour and social capital as predictors of well-being among older Canadians. *Ageing and Society*, 30, 157-181.
- Tilburg, Theo (1998). Losing and Gaining in Old Age: Changes in Personal Network Size and Social Support in a Four-Year Longitudinal Study, *Journal of Gerontology*, 53B (6), S313-S323.
- Utz, Rebecca; et al. (2002). The effect of widowhood on older adults’ social participation: An evaluation of activity, disengagement and continuity theories, *The Gerontologist*, 42, 522–533.
- Walker, Kenneth; MacBride, Arlene; Vachon, Mary (1977). Social Support Networks and the Crisis of Bereavement, *Social Science and Medicine*, 35, 35–41
- Wall, Karin; et al. (2001). Families and Informal Support Networks in Portugal: The Reproduction of Inequality, *Journal of European Social Policy*, 11, 213-233.